

## **What will I teach? O que eu ensinarei?**

Nick Jaffe, Becca Barniskis & Barbara Hackett Cox

Tradução livre: Fábio Wosniak. Doutorando UDESC - 2015.2. Disciplina: Sobre ser Artista Professor. Profa. Dra. Jocielle Lampert. Tradução do capítulo I do Livro: JAFFE, Nick; BARNISKIS, Becca & COX, Barbara Hackett. Teaching Artist Handbook, V. I: Tools, Techniques and Ideas. Chicago: Columbia College Chicago Press, 2013, p. 03-14.

### **O que eu ensinarei?**

No seu melhor, o trabalho do artista professor é similar ao fazer arte no que significa ser inventivo, improvisador e flexível. Para ensinar dessa maneira, precisamos conhecer nosso meio e quaisquer outras áreas a partir das quais desejamos ensinar em combinação com nosso próprio contexto. Também precisamos ter uma atitude de curiosidade sobre ambas as áreas, aquela com a qual já somos familiarizados e aquelas que desejamos saber mais sobre. Esta combinação de saberes e curiosidades sobre o que ensinamos é o que permite artistas professores (e todos bons professores) engajarem os estudantes em aprendizagens dinâmicas e emocionantes, e fazer arte para estimulá-los a desenvolver e buscar ideias originais.

O ensinar e o fazer arte também compartilham outra característica. Eles tratam amplamente sobre identificar o que é essencial em um determinado contexto. O poder do artista reside, parcialmente, na habilidade para identificar o que é essencial para uma ideia, uma visão, associação ou característica funcional e, a partir disso, o que pode ser comunicado, incorporado ou desenhado em um meio. Similarmente, o artista professor, ou qualquer bom professor, realmente deve identificar quais técnicas, conceitos e processos em uma disciplina são essenciais para ensinar em um determinado contexto. Com isso, os estudantes poderão fazer um trabalho melhor, original, desenvolvido com sucesso, que amplie suas experiências e conhecimentos anteriores.

O que você decidir ensinar importa. Esta é a decisão mais significativa que você pode fazer como um artista professor. Ela informa todo o aspecto do seu ensinamento e é sempre o lugar para começar quando você se dirige a uma nova situação de ensino. Também é válido retornar para esta questão e reexaminar o que importa para você enquanto desenvolve sua prática como artista e professor.

Deixar claro o que você quer ensinar é essencial, melhorando não apenas sua própria prática de ensino, mas a prática de outros – estudantes em sua sala de aula, professores, outros artistas e o campo da Educação em Artes em geral.

Este capítulo é sobre decidir o que você quer ensinar através de um processo de descoberta (ou redescoberta) e ir nomeando as habilidades e conceitos em seu meio que você pensa ou acha que são mais importantes e interessantes de ensinar, encontrando novas áreas que você gostaria de investigar. Em última análise, a questão “o que ensinar” está entrelaçada à questão “como ensinar”.

Você encontrará algumas sobreposições entre este capítulo e o capítulo 2. Desse modo, você poderá ir e voltar entre os capítulos enquanto for desenvolvendo suas ideias sobre currículo e experimentando-as com o planejamento.

Este capítulo inclui um ensaio crítico que objetiva colocar a questão da maneira do que se quer ensinar em um contexto amplo, assim como limites específicos e questões desenhadas para ajudar você a pensar sobre sua forma de arte em um modo muito concreto. Ele também inclui uma série de exercícios/ferramentas com uma gama de exemplos para ajudar você a fazer o seguinte:

- identificar sua própria especialidade e experiência na sua disciplina;
- identificar quais habilidades e conceitos você vê como essenciais para ensinar em sua disciplina/meio;
- identificar áreas que você gostaria de estudar mais dentro da sua disciplina;
- identificar áreas de conhecimento e experiência fora da sua disciplina que você gostaria de incorporar no seu ensino.

Ao longo deste capítulo, nós oferecemos ideias e colocamos questões que acreditamos ajudar em nossa prática. Não existe uma única maneira de fazer esta investigação. Assim, queremos compartilhar alguns pontos de entrada úteis que têm nos ajudado – artistas professores – a começar.

Dividimos o capítulo em duas partes: “Ideias e Contexto” e “Passos Concretos”. Se você está com disposição para considerar algumas questões mais gerais antes de começar a trabalhar no atual desenho do currículo, você desejará continuar a leitura. Se você quiser ir direto ao trabalho, poderá seguir para “Passos Concretos”.

## O que ensinar: Ideias e Contexto

Quem são os artistas professores?

Ensinar de uma forma artística faz de você um professor artista. Os artistas que praticam arte podem ser artistas, especialistas em arte (artes visuais, música, dança, teatro, arte digital etc.) e professores artistas.

Para o propósito deste livro, definimos professores, administradores e facilitadores aqueles que introduzem e contextualizam a arte e os artistas para aprendizes como os arte educadores – que são pessoas que podem entender uma forma de arte em um nível profundo e significativo e desmembrar estes conhecimentos levando-os para outros aprendizes.

Educadores em arte, normalmente, compreendem como professores artistas trabalham e, frequentemente, dão suporte ao trabalho de educadores artistas de maneira significativa. Mas o foco deste livro recai sobre aqueles que regularmente criam um trabalho em uma disciplina artística e que também ensinam nesta disciplina.

De certo modo, o que distingue educadores artistas de um tipo de artista e educadores tem a ver, principalmente, como a educação é organizada nos Estados Unidos.

Trabalhando em uma forma de arte e compartilhando seu conhecimento, sua maneira de pensar e respostas associadas a isto, a arte é frequentemente separada como uma experiência distinta da experiência educacional que normalmente é associada com Escolas e outras instituições. Este livro foca especificamente no que concerne ao professor artista, mas qualquer tipo de educador – do jardim de infância ao professor de matemática do Ensino Médio – tem que ensinar de maneira profunda para ensinar bem, buscando fontes de conhecimento e experiências em uma ou mais áreas de conteúdo. É este conhecimento e confiança que brotam de uma forte compreensão da sua disciplina que permitem um professor atingir os estudantes efetivamente, para ensinar o que é mais essencial e para engajá-los como indivíduos, pensadores únicos e criadores.

Não há necessidade de ser um professor experiente ou pedagogo para ser um educador artista eficaz. É necessário estar inteiramente bem fundamentado em seu meio e ser capaz de desdobrar-se de uma maneira útil.

Nós, como educadores artistas, temos uma certa luxúria que a

maior parte dos educadores não fazem. Embora, algumas vezes, sejamos solicitados a nos engajarmos no currículo e padrões educacionais existentes, nossa primeira função é ensinar a partir de nossa própria prática e experiência como artistas. Esta abordagem é o que cria um fazer artístico no contexto escolar, centros comunitários, prisões dentre outros lugares, e que é diferente do que já existe. Esta abordagem também expande potencialmente o que as pessoas aprendem e ordinariamente experienciam em tais lugares. A maior parte dos educadores deve desenhar um currículo baseado na questão "O que é atualmente sabido no campo que eu estou ensinando e como posso preparar meus estudantes para usar e ampliar estes conhecimentos?". Educadores artistas desenham currículos baseados na questão "O que eu sei no meu meio e como posso equipar os estudantes para usarem estes conhecimentos e fazerem sua própria arte?".

Examinar de perto "o que são" seus ensinamentos é uma excelente maneira de estabelecer um foco e melhorar sua prática como educador artista, além de ser potencialmente e artisticamente libertador e esclarecedor. Pensar o seu meio, como um artista educador, pode gerar todo tipo de novas ideias para e sobre seu próprio fazer artístico.

Esta é uma razão porque tantos educadores artistas encontram no trabalho de ensinar uma parte integral e estimulante de suas vidas como artistas. Se você articular o que importa para você e sua disciplina, pode tanto criar o currículo quanto pensar como um artista. Este primeiro passo em ensinar o trabalho do artista vai direto para o coração do que faz o trabalho tão excitante - isso é simultaneamente ensinar, aprender e fazer.

### **Agora, você é um professor artista**

Há metodologias estabelecidas em arte educação e, indiscutivelmente, até no trabalho de ensinar artes. Uma organização ou grupo de artistas educadores podem ensinar de acordo com um tipo específico de arte integrada. Outros podem abordar ensinamentos sob um ponto de vista diferente com uma metodologia específica da teoria da arte, como Educação aplicada à estética.

A autora Reggio Emilia aborda que o ensino de arte tem sido muito influenciado em vários ciclos da Arte Educação americana nos últimos anos.

O trabalho pioneiro aconteceu na Bauhaus alemã e na Soviet Vkhutemas, escolas de design e artes dos anos 20, que através das suas práticas desenvolveram algumas das mais importantes compreensões na teoria moderna de arte educação. Parte destas abordagens, Filosofia ou metodologia, inegavelmente oferecem esclarecimentos úteis para o professor artista, mesmo na forma de exemplos negativos ou provocações para pesquisas adicionais. Algumas destas abordagens incorporam trabalhos teóricos significantes e têm importantes e interessantes raízes históricas. Todas são, potencialmente, dignas de estudo. Isto é relevante para pensarmos, teoricamente e historicamente, o trabalho de artistas educadores. Se você está procurando por precedentes e ideias como um artista professor, por que não investigar o que já tem sido feito?

Uma premissa deste livro e desta série é que aplicar excessivamente metodologias gerais e uma abordagem muito convencional limita o trabalho do educador artista. É preciso considerar que o trabalho do educador artista não é uma ciência, mas uma Arte. Por certo que este trabalho pode ter elementos científicos, assim como dentro da ciência há muitas dimensões artísticas. Contudo, tentar reduzir a grande variedade de educadores artistas, contexto e estudantes em uma única metodologia, parece funcionar contra duas forças centrais do campo do artista professor: a variedade e a flexibilidade.

Sabemos que modelo e metodologia são necessários no fazer artístico. Nenhum fazer artístico é completamente novo, mas o excesso de consideração para o modelo e a metodologia, inevitavelmente, conduz a uma arte estéril e não original. O mesmo vale para o trabalho do artista educador. Você pode ter que traduzir o que faz dentro de uma organização de metodologias e retórica porque a apresentação necessita disto. Isto está certo. Mas traduzir o que você faz, não representa números. Não apenas seus estudantes irão aprender mais, mas você terá muito mais satisfação.

Faz tanto sentido falarmos "especialistas" ou "mestres" no trabalho de educadores artistas como também falarmos de "especialistas" ou "mestres" artistas. Sim, há artistas os quais têm enorme domínio das técnicas do seu meio. Isto não garante que a arte deles seja original, interessante e atraente. Similarmente, há artistas educadores muito bons em diversos aspectos específicos de ensino, mas isto não garante que ensinarão bem ou que seus estudantes farão bons trabalhos. O pré-requisito para um bom

trabalho do artista educador é ter conhecimento sólido na sua disciplina (ter alguma coisa para ensinar) e ter entusiasmo sobre como trazer este conhecimento para os estudantes de maneira a encorajar um trabalho original. Onde quer que você esteja no seu trabalho, por mais novo ou experiente, jovem ou velho, pode fazer grandes ensinamentos e aprendizados acontecerem com seus estudantes, contribuindo com importantes revelações para o campo - o resto de nós - bem agora.

### **Você não pode "ensinar arte", mas você pode ajudar pessoas a fazer Arte**

Uma definição característica de Arte é ela que expressa, investiga e comunica ideias, emoções, associações e processos, e até resolve problemas criativos e técnicos, que requer uma forma de arte para sua máxima expressão. Muitas dessas coisas são parcialmente ou totalmente inconscientes ou intuitivas na origem. Outras desafiam a expressão na linguagem. Até no caso da literatura onde a linguagem é o meio, os vários formatos de poesia e prosa tornam-se uma forma extralinguística que transmite o que não pode ser feito em linguagem habitual.

Portanto, não é possível ensinar diretamente muito daquilo que é essencial em arte. Boa parte, talvez até quase tudo, do conhecimento e experiência necessários para a expressão efetiva em um meio pode ser assimilado somente por *trabalhando no meio*.

É através de interações dinâmicas com o meio - fazendo arte! - que qualquer artista ("estudante" ou não) desenvolve a habilidade para engajar elementos-chave de uma arte interessante e eficaz: especificidade e eficiência.

Todos os humanos experienciam as mesmas emoções e, em última análise, encaram os mesmos dilemas básicos. O que faz a arte original e atraente é a especificidade e a surpreendente expressão destas emoções ou dilemas que derivam de um artista particular ou de experiências de grupos de artistas, seu contexto e visão. De certo modo, a arte é um meio pelo qual os humanos simultaneamente mediam entre a realidade objetiva ou subjetiva, e também entre o que é a experiência universal e o que é único para cada pessoa. Não podemos "ensinar" uma visão artística ou ponto de vista. Podemos somente encorajar e dar suporte aos estudantes refinando e estendendo o seu

trabalho. Ter o privilégio de observar em primeira mão o desenvolvimento e expressão de tais pontos de vista individuais é uma das mais excitantes e completas coisas sobre ensinar o trabalho do artista. Por certo que para tais pontos de vista emergirem, devemos colocar o fazer artístico no centro do nosso trabalho e, assim, ver nosso papel criando e protegendo o tempo e espaço para trabalhar em um meio que é, possivelmente, a coisa mais importante que nós temos para oferecer como artistas professores.

### **Designer do currículo como processo artístico**

O que realmente queremos dizer por "currículo"? E, por que se importar com isso? Currículo é, em primeiro lugar, identificar o que você sabe e o que você planeja ensinar, geralmente, em uma sequência (veja o capítulo II deste livro para uma estrutura sugerida). Também pode incluir a denominação do que um ensino e um aprendizado de sucesso parece ser para você, e como você pode determinar o âmbito e a profundidade deste sucesso. Uma coisa para se atentar é que à medida em que se desenvolve e se muda o fazer arte, ao longo do tempo temos a oportunidade de desenvolver e mudar, também, o currículo. O currículo é vivo e só porque você o documenta de uma maneira, não significa que você é obrigado a implementá-lo desta forma para sempre.

Alguns artistas professores ficam apreensivos quando alguém sugere que escrevam seus currículos. Eles podem ser protetores de sua prática - com medo de que outros opinem e os ensine "*out of a gig*". Outros simplesmente acham a sugestão completamente incompreensível. Para outros ainda tal tarefa parece como uma argola que eles devem atravessar a fim de conseguir "ganhar a atenção", uma argola que parece completamente desconectada do fazer arte e de ter estudantes fazendo arte. Para artistas professores que ensinam mais intuitivamente, a ideia de documentar um currículo pode parecer amortecedora, supérflua, chata ou pior. É verdade que há muitos currículos de Arte Educação supérfluos e maçantes por aí - mais uma razão para criar e escrever currículos que reflitam seu próprio conhecimento e ideias.

À medida em que você cria um novo currículo ou aplica mudanças a um currículo existente, conforme adota novas ideias, você estará constantemente considerando como fazer estas ideias inteligíveis

aos outros. As formas, as convenções, as linguagens e os rótulos que educadores utilizam para escrever o currículo podem, em alguns casos, ser relevantes à prática do artista professor, apesar de que às vezes elas podem parecer como uma linguagem desconhecida (O que é uma "questão essencial"? Como ela é diferente de uma questão comum? Qual é a diferença entre avaliação e um simples teste? O que é um ensino reflexivo? Quão grande deve ser uma ideia? etc.). Apesar desta linguagem ser às vezes útil, ela também pode ser frequentemente insípida e caprichosa, e não é em si um currículo. Escrever um currículo demanda começar na sua linguagem, a linguagem da sua disciplina e sua experiência nela.

Frequentemente, artistas professores são capazes de escrever o que planejam fazer (atividades) quando eles encontram com um professor ou administrador ou até mesmo com estudantes. A lacuna que às vezes vemos está entre o que as pessoas dizem sobre fazer e o que elas realmente são capazes de fazer - por exemplo, a lacuna entre resultados afirmados ("eu quero que todos neste grupo extracurricular participem da peça que estamos escrevendo") e o nível de profundidade do que acontece em tempo real (estudantes ajudaram a escrever a peça, memorizaram frases, trabalharam no desenho do palco, descobriram como encenar uma performance final para outros estudantes etc.). Se a pessoa nunca dedica tempo para escrever o que aconteceu e, assim, o que poderia acontecer novamente, então se torna difícil focar no que funcionou e por quê, e o que poderia ser melhor ou diferente na próxima vez. Além disso, a profundidade e o rigor do que os estudantes estão aprendendo ao longo do processo, em termos de conceitos essenciais ou técnicas, acaba sendo negligenciada ou, às vezes, comprimida em uma reflexão superficial do produto final ou performance. A falta de atenção para os resultados afirmados também pode afetar negativamente estudantes que possam estar confusos sobre por que um artista está pedindo para que eles apresentem uma ideia específica ou por que eles devem colaborar com um novo parceiro a cada vez etc. Estudantes que não sabem para onde as coisas estão sendo direcionadas, mesmo de uma forma generalizada, podem, às vezes, se sentir menos motivados ou até menos criativos em seus trabalhos - isto é, eles podem perder oportunidades de alcançar o resultado desejado de uma forma nova ou do seu próprio jeito, porque o artista professor nunca deixou claro a visão geral e o objetivo em momento algum.

É evidente que há diversas maneiras de ensinar alguém a fazer

um currículo, e quando e como este alguém escolhe explicar para onde as coisas estão sendo levadas, por exemplo, depende inteiramente de você, do seu estilo de ensino e suas metas. Mesmo que você escolha não divulgar seus objetivos e a estrutura das lições para os estudantes, antes de começar você ainda deve ter uma ideia firme do que está ensinando e por que isto importa para um fazer arte efetivo acontecer.

O currículo também permite ao artista professor, estudantes e outros refletir de maneiras que são essenciais para aperfeiçoar a prática. Para alguns artistas, o currículo também pode ser uma forma de entender melhor o que eles fazem em sua forma de arte. Ter uma forte compreensão das capacidades, técnicas e conceitos centrais que alguém emprega mais prontamente e que mais aprecia na disciplina - e mais ainda, ser capaz de descrevê-los aos outros que são de fora da disciplina ou que simplesmente tem menos experiência - pode conduzir a uma experimentação mais intencional e uma prática artística mais atenta.

Por exemplo, o planejamento do currículo de Becca deixou claro a ela que, como poeta, ela é obcecada em encontrar a metáfora certa e equivalente para amplificar uma ideia ou emoção. O processo de tal busca é uma prática central que ela deseja transmitir aos estudantes, não importando suas idades. Reconhecer isto permitiu a ela examinar sua própria poesia de novas formas: por qual tipo de terreno metafórico ela geralmente devaneia? Por quê? Sua busca típica é geralmente frutífera? Ela está ficando previsível em sua abordagem? Que tipo de terreno metafórico ela está sugerindo aos estudantes e por quê? Pode este terreno ser limitador a ela (tendo ela já pensado sobre isto) ou através do ensino ela pode encontrar algo novo para se perceber? E a respeito do paradoxo de usar uma metáfora para transmitir o inexplicável ou o proibido? A metáfora é uma imagem - ela força a pessoa a delinear o que outrora era obscuro ou sombreado. Mas isso não é redutível a suas partes sozinhas. Essa é a grande alegria central e o paradoxo que Becca encontra no fazer arte e quer garantir que os estudantes também experienciem. E ela enfatiza tal busca às custas de outros aspectos de escrever poesia que outro poeta pode perseguir (explorando um interesse temático particular, experimentando com similaridade ou rima, delineamento ou som, para nomear apenas alguns). Ela sabe sobre sua própria experiência de sobrepor obsessões poéticas, e que o extremo prazer que ela obtém ao escrever a poesia, que funciona efetivamente em

metáforas, é aprofundado e ainda mais desenvolvido quando ela ensina. Novos aspectos de poesia se abrem a ela à medida que está escrevendo um novo currículo ou examinando os trabalhos que os estudantes criaram. Inevitavelmente, os estudantes lhe entregam novas ideias estranhas e formas de olhar e experienciar o mundo da poesia.

Similarmente, em uma disciplina como dança, quando alguém é forçado a articular o que é mais importante para ensinar aos estudantes com quem conviverá por apenas oito aulas, como pode criar os passos e movimentos certos e o conceito correto de ensinar? E se você começasse com algo que você ama e conhece bem? E se você tiver que desmembrar o que você ama (salsa, por exemplo) para alguém que é novo na dança? Você começaria ensinando o ciclo básico de seis mudanças em oito batidas? Você ensinaria estes elementos com ou sem música ou batida pela primeira vez? Quando ou por que você introduziria o desenvolvimento da salsa a partir das tradições afro-cubanas? Como você definiria os princípios básicos da salsa e seus valores políticos e sociais na cultura latina? E sua própria experiência dançando salsa? O que isto diz respeito aos seus valores como dançarino ou coreógrafo? Depois de passar oito horas com você, qual conhecimento e entendimento sobre salsa você deseja que seus estudantes levem em seus corpos e mentes?

Pensar em termos concretos sobre o ensino de alguém pode também ajudar um artista a desenvolver um certo tipo de distância crítica do seu próprio rendimento artístico. Quando consideramos estudantes como companheiros artísticos podemos mudar ou aprofundar nossa apreciação por aspectos fundamentais da nossa prática como um artista. Alguns artistas professores temem que uma abordagem focada e intencional de ensino levará a uma dinâmica prescritiva e mecânica com os estudantes. Pode-se argumentar o oposto: clareza sobre quais técnicas e conceitos específicos você quer transmitir aos estudantes, na verdade permite maior flexibilidade e alcance com os quais pode-se criar tempo e espaço para invenções e experimentações reais de estudantes em sua forma de arte. Se você ensina ferramentas artísticas específicas, os estudantes podem aplicar estas ferramentas de formas originais para criarem seus próprios trabalhos. Finalmente, não se pode superestimar o poder da verdadeira apreciação que alguém tem ao ensinar e como este prazer afeta os estudantes. Planejamento e clareza de intenção podem permitir ao artista professor criar um

contexto no qual ele consiga realmente relaxar e se relacionar com os estudantes como artista. Desta forma, permitirá que sua personalidade e entusiasmo inspirem e estimulem os estudantes.

### **Fale sua própria linguagem sobre o que importa para você como um artista**

Por que é tão difícil para alguns artistas professores nomear o que eles sabem e fazem em sua forma de arte? Por que muitos de nós titubeiam ao encontrar palavras para descrever aquilo que desejamos ensinar? Como alguém começa a enfrentar o que pode parecer uma tarefa vaga e onerosa e que tem pouco a ver com o fazer arte?

Saber o que você pode e quer ensinar é fundamental para ser capaz de oferecer um aprendizado em artes aprofundado em qualidade aos estudantes. Permite você operar totalmente como artista no seu trabalho como um artista professor. Para muitos artistas professores, em muitos dos contextos nos quais trabalhamos, isto não é tão evidente como parece.

No contexto atual, educacional e social, no qual artistas professores trabalham, há muitas pressões que incidem sobre eles:

- integrar seu conteúdo artístico com outros assuntos acadêmicos, imediatamente (por si, isso não é uma coisa ruim, mas para alguns professores artistas trata-se de um lugar difícil para começar a pensar sobre sua própria forma de arte);
- enquadrar sua arte, ensinando por referências de tendências atuais e conceitos que informam uma grande quantidade de programas educacionais e de arte educação. Nós expressamos tais coisas como "habilidade de trabalho do século XX!", "criatividade", "pensamento crítico", "colaboração" ou "construção em equipe" (veja no capítulo 2 para um glossário crítico de alguns destes termos). Estas são abstrações, e frequentemente correções, não modalidades de aprendizado no meio da arte. Portanto, novamente, eles não respondem à questão do que ensinar;
- ensinar de uma maneira que gerencie o comportamento dos estudantes e que conduza-os para um fazer artístico com resultado altamente predeterminado, definido tacitamente ou explicitamente por escolas, administradores de programas, professores ou um coletivo de artistas.

Nenhuma destas tensões são necessariamente censuráveis por si só. Mas elas se tornam problemáticas quando trabalham para ofuscar a forma de arte ou o poder e a alegria de simplesmente fazer arte. Elas, frequentemente, confundem artistas professores sobre como e se suas formas de arte importam em um contexto de ensino, podendo deixar o artista sempre se sentindo perdido em como proceder com seu ensino.

É difícil para artistas professores estarem focados no que sabem e querem ensinar, porque eles são, frequentemente, solicitados a deixar de lado sua identidade artística quando colocados em uma situação de ensino. Mesmo que não seja uma configuração K12, muitos artistas professores preocupam-se com sua falta de habilidade como professor em sala de aula no sentido de “gerenciar o comportamento”, colaboração ou construir um senso de comunidade. Estas habilidades certamente importam e ter bastante experiência no ensino pode levar à maior confiança a respeito da prática do ensino em vários contextos. Mas não ter muita experiência de ensino não significa que você não é conhecedor na sua área de conteúdo.

Apesar do que as organizações de arte, escolas, museus e outros dizem a respeito do valor do ensino nas artes, os traços e características que eles às vezes enfatizam e articulam aos financiadores a respeito de por que os assuntos de artes têm pouco ou nada a ver com o conteúdo de uma disciplina artística ministrada. Frequentemente, quando administradores da Educação das artes falam a respeito do uso das artes para alimentar o “pensamento crítico” ou a “colaboração” ou a “criatividade”, eles poderiam simplesmente substituir futebol, Biologia ou História. Jogar bem futebol também desenvolve colaboração e habilidades na solução de problemas, particularmente se você está nos últimos dois minutos do jogo e você acabou de perder seu goleiro. Similarmente, estudar a dinastia King da China e as forças geopolíticas em jogo durante os últimos dias do reinado da Imperatriz Dowager, e surgir com um ensaio bem articulado sobre seus impactos no desenvolvimento político e militar da História Moderna chinesa desenvolve habilidades de pensamento crítico – talvez ainda mais efetivamente e profundamente do que analisar uma pintura ou decidir como abordar uma tarefa poética. O fato de que o trabalho nas artes é amplamente educativo, como o trabalho em qualquer disciplina ou domínio do pensamento e práticas humanas, está realmente ao lado do ponto. Artistas professores e

aqueles que os contratam e auxiliam seu trabalho devem valorizar o aprendizado em uma forma de arte como valioso e educacionalmente essenciais por si só. Para que o fazer arte interessante e autêntico ocorra, devemos atribuir valor à arte que estudantes e artistas fazem.

Uma forma para artistas professores conterem esta discussão e ganharem respeito por sua forma de arte é focar em suas características particulares e sua própria prática na forma de arte desde o começo do desenvolvimento do currículo. Nós somos artistas e nossa ênfase precisa ser no ensino dos outros, em como fazer artes e como fazê-la bem. Como artistas professores devemos defender e articular isto claramente se desejamos mudar os termos do debate sobre o valor do nosso trabalho. Deveríamos ser defensores não apenas pelo valor subordinado da arte, mas defensores pela arte.

### **Nem tudo é fazer arte**

Fazer arte diz respeito a usar um *medium* ou materiais para comunicar um ponto de vista particular ou resolver um problema de criação, mesmo que em um estilo preliminar ou fragmentário. A maioria das pessoas engajam um tipo de fazer arte com ou sem um nós: crianças desenham da sua própria forma, coreografam passos de dança no parquinho e cantam nos pátios das escolas. Alguns adultos tocam instrumentos ou pintam, outros restauram móveis ou carros. *Ninguém precisa* de um artista professor para fazer arte. Mas um artista professor pode *ajudar* as pessoas a fazer a sua própria arte e fazê-la melhor, mais profunda, interessante e original.

Direcionar estudantes em jogos de teatro é fazer arte? Pode ser, desde que os jogos sejam parte de um preparo dos estudantes para usarem habilidades e conceitos de performance a fim de criarem produções significativas em algum sentido - um script, um set, uma produção, a encenação de um texto, uma leitura, um acontecimento ou uma cena espontânea ou improvisada - *algo* que é experienciado pelo espectador ou audiência como uma comunicação, mesmo que esta audiência consista de artistas estudantes.

Trazer artistas de fora para performar em uma montagem escolar é fazer arte? Com certeza é para o artista que está performando, mas também pode direcionar oportunidades interessantes para ampliar o fazer arte dos estudantes que experienciam esta performance. Isto é

verdadeiro especialmente se alguém está lá para ajudar a fazer esta conexão entre experienciar arte, responder a ela e criar a partir desta forma de arte.

O administrador das artes, se habilidoso, pode fazer uma grande diferença e auxiliar as experiências artísticas e o fazer arte dos estudantes quando ele/ela é capaz de 1) trazer uma experiência artística de alta qualidade aos estudantes; 2) ajudá-los e ajudar seus professores a encontrar sentido nisto, por oferecer a eles tempo para responder de uma forma cheia de ideias, intencionalmente e em colaboração tanto com o artista presente quanto com o professor da sala ou os especialistas em arte.

Também podemos ensinar outras coisas usando as habilidades requeridas no meio artístico, mas sem uma ênfase central no fazer arte. Por exemplo, podemos ensinar habilidades de instrução usando técnicas e conceitos trazidos do teatro. Podemos usar movimentos de dança para ensinar conceitos matemáticos ou fazer vasos de argila para estudar a História das cerâmicas dos indígenas mexicanos. Todas estas coisas podem envolver o fazer arte significativo, desde que tenhamos certeza de que haja alcance para a invenção e um trabalho original, e desde que não os apresentemos meramente como exercícios de suporte ao ensino das disciplinas não artísticas.

Contudo, é possível que tal integração possa tomar lugar de uma forma que relegue à disciplina artística um papel subordinado - certas habilidades ou exercícios são usados para um fim não artístico. Por exemplo, estudantes podem usar *tableaux* teatrais para retratar cenas e personagens de um livro a fim de demonstrar e reforçar sua compreensão de leitura. Pouca ou nenhuma ênfase devem ser feitas se os *tableaux* são interessantes para assistir, se são expressivos ou engajados para uma audiência ou *performers*. A ênfase central deve ser se eles refletem precisamente uma leitura próxima do texto. Não há nada de errado com tais atividades. Na realidade, elas devem ser formas efetivas e divertidas de ensinar alguns elementos de instrução. Mas elas não devem ser confundidas com o fazer arte ou com o trabalho do professor artista em seu sentido pleno.

No exemplo anterior, um artista professor está trabalhando como um especialista de *tableaux*, com o suporte de um currículo de instrução. Um artista professor deve ter diferentes expectativas do que tal tarefa requer - adaptar as ferramentas do meio para metas educacionais bem específicas sem uma consideração particular para o desenvolvimento artístico dos estudantes. Professores, artistas

professores e administradores devem entender que esta forma de usar um meio não é um substituto dos trabalhos dos estudantes em artes. Ela não permite a invenção, experimentação e profundidade de experiência em uma disciplina que ocorre quando os estudantes focam em fazer trabalhos originais. Ela também não leva, necessariamente, a qualquer um dos tipos menos tangíveis de aprendizado e desenvolvimento que acompanha o fazer arte do estudante.

### **O que importa para você ou te interessa fora da sua disciplina?**

Muitos artistas têm amplos interesses além de sua disciplina artística. Alguns são especialistas em integrar informações e ideias de diferentes campos. Considere um professor de artes que é um ávido coletor de ágatas e que sabe bem o processo geológico que particularmente criam estas pedras; ou um poeta que estudou a vida e o trabalho de Mendel; ou um artista visual que pilota aviões. Assim como tais interesses e obsessões frequentemente entram ou formam o centro da prática de um artista, eles podem e devem entrar no nosso trabalho como artistas professores. Como um artista, você provavelmente já tem processos pelos quais integra ideias e práticas de campos externos a sua disciplina. Estes processos são excelentes pontos de início para considerar como você deve integrar conteúdos extra-disciplinares no seu ensino.

Um forte domínio de sua própria disciplina e um senso de quais aspectos você pode ensinar ao lado de outros artistas e professores é, talvez, ainda mais necessário para construir um currículo integrado do que ensinar um meio por si só. Você também precisa saber algo sobre o outro assunto - se você é um dançarino e é solicitado a colaborar com o professor de matemática, é bom que você tenha um sólido entendimento da matemática que você está procurando integrar. Se você é um artista visual trabalhando em uma classe de ciências com o ensino de desenho de observação, então você precisa ser sério e curioso o bastante para fazer algum estudo do objeto de desenho - se são insetos, conchas, folhas ou flores. Você não precisa ser o instrutor principal, tornar-se um especialista no campo ou escrever o currículo para estes aspectos da unidade de ensino - esta deve ser a responsabilidade do professor ou artista colaborador.

Para encontrar conexões profundas e interessantes entre sua forma de arte e outro assunto, conexões que resultam em um currículo que é mais que o resumo das partes, você precisa se engajar

totalmente com a outra disciplina. Se você e seu colaborador se engajam totalmente com as disciplinas um do outro, então é provável que os estudantes também o farão.

Nós não ajudamos os estudantes quando fazemos conexões superficiais entre assuntos e domínios do conhecimento. Integrações rasas ou forçadas podem, frequentemente, distrair os estudantes de aprender aquilo que estamos tentando ensinar. Por exemplo, se usamos o movimento de uma forma convencional ou superficial para ensinar geometria - "faça um triângulo com seus braços e pernas" - quão profundo isto é para a dança como uma disciplina? E o que isto realmente ensina aos estudantes sobre formas? Pode ser uma forma divertida e útil para os estudantes pensarem como é uma forma geométrica e como ela pode ser transposta ou rotacionada no espaço. A menos que você também peça aos estudantes para pensarem como um dançarino e criarem algo que comunique outro sentido a partir destas formas, e você está disposto a ensiná-los algumas técnicas para fazerem a tarefa de forma artística e criativa, então, o exercício pode ser facilmente uma forma ineficiente e distrativa de explorar conceitos geométricos que são melhores examinados em uma folha de papel ou através da construção de um modelo. Não há nada que diga necessariamente que é mais educativo quando alguém usa as ferramentas das artes para ensinar ou aprender algo.

É importante considerar, o mais cedo possível no processo de construção do currículo, se o conteúdo que alguém está lhe pedindo para integrar no seu ensino tem alguma conexão significativa com a sua disciplina ou não. Faz sentido ensinar este assunto particular desta forma? Os livros de arte ou os escritos de poemas pessoais são boas formas para estudar o Holocausto? Soa mais educativo e engajado para os estudantes mergulharem no assunto através da Literatura e História? Realmente, depende do artista e professores envolvidos. Eles têm uma razão atraente para explorar o assunto desta forma? Eles pensaram por que a estrutura de um livro pode ser a melhor forma do fazer arte de um estudante e ser a resposta a este assunto? Eles pensaram o quão difícil é para qualquer artista fazer arte sobre um evento histórico tão profundo e grandioso? Eles estão criando tempo e espaço para os estudantes desenvolverem interpretações genuinamente originais e *insights* dentro da História com o meio, ou estão direcionando os estudantes a usar o meio para criar um produto final pré-determinado? Se a resposta é a última, tal trabalho direcionado está realmente encorajando o pensamento crítico sobre o

assunto ou talvez perpetuando leituras superficiais e até mesmo estereótipos negativos? O fazer arte trará novas questões e discussões sobre o assunto ou os reduzirá e os fechará ainda mais? É uma linha tênue por onde muitos artistas andam ao abordarem tais questões em seus trabalhos, e se realmente desejamos engajar os estudantes naquilo que significa trabalhar como um artista na investigação do pleno alcance do pensamento e da experiência humana, então precisamos fazer questões mais persistentes a nós mesmos como educadores. Estudantes também precisam ser uma parte desta discussão à medida que seu fazer arte se desenvolve.